

ELEIÇÕES

Lira sobre as urnas: “O sistema é confiável”

Em evento com investidores nos Estados Unidos, presidente da Câmara também destaca que as instituições brasileiras são “fortíssimas” e “funcionam plenamente”

» DEBORAH HANA CARDOSO

Diante de uma plateia de investidores em Nova York, o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), defendeu o sistema eleitoral brasileiro, alvo constante de críticas do presidente Jair Bolsonaro (PL) e de apoiadores.

“Eu fui eleito nesse sistema durante seis eleições e não posso dizer que esse sistema não funciona. O sistema é confiável”, enfatizou. “Precisa de ajustes? Precisa. Mas é importante que tenhamos tranquilidade política no pleito. E nós havemos de ter”, acrescentou, sem mencionar quais são as melhorias necessárias.

No evento, organizado pelo BTG Pactual, o presidente da Câmara também disse que o centro político tem papel de equilibrar os “extremos”. “A polarização vai se dar, como se deu no mundo todo, no momento específico da eleição”, afirmou. “O povo vai escolher, sem o eufemismo de dizer que aquela urna presta, que aquela urna não presta.”

À plateia de investidores, Lira frisou que as instituições brasileiras são “fortíssimas” e “funcionam plenamente”. “O centro tem feito essa moderação nacional e tem tido uma responsabilidade muito forte no equilíbrio dos extremos em Brasília, na polarização política”, declarou. O deputado ainda destacou que o país luta para que os Poderes “fiquem restritos às suas esferas institucionais”, o que, na visão dele, propicia que o Brasil funcione como uma democracia estável.

Na avaliação de Giuseppe Janino — que foi secretário de tecnologia da informação do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) por 15 anos e coautor do Projeto da Urna Eletrônica Brasileira —, em relação ao processo eleitoral,

Reprodução/YouTube



Lira durante o discurso: ele ressaltou que o centro político tem papel de equilibrar os “extremos”



O povo vai escolher, sem o eufemismo de dizer que aquela urna presta, que aquela urna não presta”

Arthur Lira (PP-AL), presidente da Câmara

espaço para melhoria sempre há e essa sempre foi a preocupação da Justiça Eleitoral. “A prova disso são os vários procedimentos que estão estabelecidos, inclusive, nas resoluções, com abertura dos sistemas, os processos de auditoria, os testes públicos de segurança”, argumentou.

Ele frisou a importância de instituições credenciadas e

partidos políticos participarem efetivamente do processo. “Se há realmente uma preocupação da Câmara dos Deputados, seria interessante que os partidos políticos, ali representados, atuassem em todos os momentos em que são convidados a participar e a dar suas contribuições para a evolução”, ressaltou. (Com Agência Estado)

» PP tenta brejar eleição indireta em Alagoas

O PP entrou, ontem, com recurso no Supremo Tribunal Federal (STF) para anular o novo edital de convocação da eleição indireta ao governo de Alagoas, marcada para domingo, na Assembleia Legislativa. O partido diz que os prazos para registro de candidaturas e julgamento de impugnações são curtos e pede a suspensão da eleição. Na segunda-feira, o ministro Gilmar Mendes impôs correções ao edital original, que foi republicado na mesma noite pelo presidente da assembleia, Marcelo Victor (MDB), com as mudanças.

Lula faz afagos a empresariado

» VICTOR CORREIA

O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) fez um aceno para o setor produtivo ao afirmar que os empresários vão ganhar mais dinheiro em um eventual novo governo dele. O petista deixou claro, porém, que as políticas populares terão prioridade. As declarações foram dadas em um discurso em Contagem, no prosseguimento da viagem a Minas Gerais.

“Os empresários vão ganhar mais dinheiro, vão ganhar mais salário, mais educação, mais saúde”, prometeu Lula no discurso para representantes do setor produtivo. “A lógica do empresário é que ele faz investimento para ter retorno. Mas ele precisa, também, de consumidor, de pessoas com recursos para comprar o que ele produz. E se ele encomendar mais produtos da fábrica, a fábrica gera mais emprego. E a roda da economia gira”, acrescentou.

Sem a presença do seu pré-candidato a vice, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB) — que testou positivo para a covid-19 —, Lula lembrou José Alencar, o empresário mineiro que ocupou a vice-presidência nos dois governos do petista. Ele teve um papel importante para aproximar o postulante ao Planalto do empresariado em 2002. Vinte anos depois, a mesma missão cabe ao ex-tucano.

“Eu posso dizer com orgulho (...) que acho que nunca um presidente da República no mundo teve um vice na qualidade que eu tive com José Alencar. Ele era uma alma da mais extraordinária

Alexandre Guzanhe/Estado de Minas



Lula promete, se eleito: “Os empresários vão ganhar mais dinheiro”

Saiba mais

Nada de “bolo”

Pré-candidato ao governo de Minas Gerais, Alexandre Kalil (PSD) ironizou, ontem, um suposto “bolo” que teria dado no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Sem mencioná-lo diretamente, o ex-prefeito de Belo Horizonte se refere ao petista como “amigo”. Na segunda-feira, Lula participou do evento de lançamento da pré-campanha em Belo Horizonte, mas

Kalil não compareceu. “Aqui em Minas Gerais, ninguém dá bolo em amigo. Normalmente, é café quente e pão de queijo”, escreveu Kalil nas redes sociais. A aliança entre PT e PSD em Minas enfrenta impasse pela vaga ao Senado na chapa majoritária. Enquanto Kalil aposta no atual senador Alexandre Silveira (PSD), o PT apoia o deputado federal Reginaldo Lopes.

bondade”, elogiou o ex-chefe do Executivo.

Apesar do aceno aos empresários, Lula deixou claro que a prioridade de sua gestão será o

povo, e voltou a defender maior taxação dos mais ricos. “É muito fácil governar o Brasil, é só a gente colocar o povo no orçamento e colocar o rico no

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



Luizazedo.df@dabr.com.br



Cabeças desorientadas na terceira via

Cabezas Cortadas é uma produção hispânico-brasileira de 1970, dirigida por Glauber Rocha. Filmado na Espanha, trata a ditadura de Franco e o regime militar brasileiro de forma alegórica. A estrela do filme é o espanhol Francisco Raba, que interpreta o déspota louco Diaz II. Todas as suas aparições na tela, da cena inicial, no castelo, aos longos momentos de delírio, são antológicas, mas o filme acaba se descolando da realidade, mesmo se comparado às duas ditaduras da época.

A analogia serviu para descrever a forma como o presidente Jair Bolsonaro fora tratado por Fernando Haddad, o candidato do PT, no segundo turno das eleições de 2018. O filme de Glauber descrevia um déspota sozinho num castelo e acreditava falar ao telefone com pessoas importantes para seu governo ou vida pessoal. No imaginário, resolvia problemas civis, dava ordens, conversava sobre questões particulares.

Cenas de opressão aos índios, aos trabalhadores, aos negros e aos estudantes retratam o que teria sido a volta ao poder de Diaz II, em Eldorado. O país imaginário representava, no filme, o que seria a continuação da história contada em *Terra em Transe*, cujo contexto é a crise do governo Jango e o golpe militar de 1964. A colonização, a escravidão e outros elementos recorrentes nos países da América Latina foram trazidos de volta, como se a história estivesse voltando para trás.

Haddad havia passado todo o primeiro turno ignorando Bolsonaro, seu inimigo principal era o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin. Além disso, fizera tudo o que podia para confundir sua imagem com a do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que estava preso em Curitiba. Quem erra na escolha do adversário, geralmente perde a eleição. Foi o que aconteceu com o petista.

A narrativa de Bolsonaro em 2018 era o combate à corrupção, ao tráfico de drogas e ao desperdício de recursos públicos. Era uma agenda em sintonia com a opinião pública. A retórica autoritária, conservadora, misógina e homofóbica de sua campanha acabou naturalizada e deixada em segundo plano. A rejeição aos políticos e aos partidos convergiria contra Haddad e o PT no segundo turno.

A acusação do golpe adotada pelo PT havia servido para coesionar a legenda e atrair a esquerda tradicional, além de desgastar o governo Temer e seus aliados, mas não funcionou contra Bolsonaro. Nem a dramatização da campanha democracia ou barbárie.

Sucesso político

Bolsonaro não é um déspota imaginário, suas ordens são cumpridas por sua equipe ministerial, cuja arquitetura é desenhada pela presença de cerca de oito mil militares na Esplanada. O presidente da República fala com quem lhe interessa, inclusive no mercado financeiro, e recuperou a expectativa de poder, embora as posições estejam invertidas em termos de favoritismo eleitoral. Com Lula na disputa, Bolsonaro corre contra o prejuízo do seu mau governo do ponto de vista econômico e social, agravado pela crise sanitária. Seus arroubos autoritários, até agora, foram contidos pela Constituição e pelo Supremo Tribunal Federal. Não são delírios, são uma ameaça real.

O sucesso de Bolsonaro até agora é político. Conseguiu evitar um impeachment, nos seus piores momentos. Seu acordo com o Centrão elegeu os presidentes da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Assim, conta com base de apoio sólida e confortável no Congresso, alimentada regamente com emendas secretas ao Orçamento da União, mas não o suficiente para que se torne um déspota de verdade. O caso das urnas eletrônicas, contra as quais investe, é um exemplo de que o apoio desses aliados não é incondicional.

Há diferenças e semelhanças nas narrativas da oposição em relação a 2018. No caso do ex-presidente Lula, a principal diferença é a clareza quanto ao adversário principal: Bolsonaro. Tanto que atraiu o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), adversário histórico, para vice na sua chapa. Quem parece sem rumo é a chamada terceira via, seus líderes, muitas vezes, tratam Lula como o adversário principal. PSDB, Cidadania e MDB estão afinados para escolher uma candidatura única no próximo dia 18. Só falta combinar com o ex-governador João Doria (PSDB), que não pretende desistir da própria candidatura para apoiar Simone Tebet (MDB). Ciro Gomes (PDT), que se mantém em terceiro nas pesquisas, é um lobo solitário, que uiva na noite escura contra Lula e Bolsonaro.

HÁ DIFERENÇAS E SEMELHANÇAS NAS NARRATIVAS DA OPOSIÇÃO EM RELAÇÃO A 2018. NO CASO DO EX-PRESIDENTE LULA, A PRINCIPAL DIFERENÇA É A CLAREZA QUANTO AO ADVERSÁRIO PRINCIPAL: BOLSONARO